

Expresso

09-03-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 82175

Temática: Sociedade

Dimensão: 580 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 18

# Casos mortais estão a aumentar mas há soluções

**O número de vítimas mortais está a voltar às estatísticas negras do início dos anos 2000. Falta prevenção, dizem os especialistas**

Este ano já morreram 12 pessoas vítimas de violência doméstica. Onze mulheres e um homem. Em pouco mais de dois meses há quase metade das vítimas mortais do ano passado (28). Se o padrão se mantiver, 2019 será mais um ano negro nas estatísticas de um crime que revolta toda a gente mas que não se consegue erradicar. Porquê? “Não há uma única razão, é errado presumir que há só um fator”, diz Cristina Soeiro, psicóloga forense da Escola de Polícia Judiciária que integra um grupo que estuda o fenómeno do homicídio em contexto íntimo nos últimos dez anos.

“Temos de ver se a tendência se mantém, mas a verdade é que os números estavam a descer nos últimos três anos e agora voltámos à média dos anos anteriores, que anda à volta dos 40 casos por ano”, acrescenta a especialista. Como acontece sempre que há uma onda de crimes deste género, o Governo anunciou uma série de medidas para com-

**As notícias alimentam a sensação de impunidade dos agressores mas não contribuem para o aumento de casos mortais**

bater o flagelo, incluindo a criação de tribunais “quase” especializados neste tipo de crimes. “Já temos as ferramentas necessárias”, considera Cristina Soeiro. “Um dos principais fatores que contribui para a não diminuição deste tipo de crime talvez seja a falta de coordenação no terreno entre as várias entidades envolvidas e a falta de formação dos agentes.”

Desde o início do ano — primeiro com os casos mortais e depois com a polémica à volta dos acordãos e as declarações do desembargador Neto de Moura — que o assunto da violência doméstica não sai da agenda mediática, dos jornais e do discurso dos políticos. Sucedem-se as notícias sobre mulheres que fizeram queixa contra os maridos ou

ex-companheiros mas que as autoridades não conseguiram evitar que fossem atacadas ou mesmo mortas. Será possível que, tal como acontece nos casos de suicídio, exista um efeito mimético que leve a um aumento dos casos de homicídio? “Não creio que se possa fazer essa relação”, responde Rui Abrunhosa Gonçalves, psicólogo e professor da Universidade do Minho, especializado em crimes sexuais e violência doméstica. “É verdade que as notícias relatam normalmente casos em que a Justiça falhou e isso pode levar a uma sensação de impunidade por parte dos agressores. Mas quem decide matar a companheira, fá-lo depois de ruminar muito no assunto, não é um ato espontâneo que seja desencadeado por uma notícia de jornal. Agora é verdade que os jornais também podiam e talvez devessem publicar mais notícias em que os agressores são apanhados e punidos, porque é isso que acontece na maior parte das vezes.”

## Prevenção e deteção precoce

A violência doméstica tem solução? “Tem”, garante Rui Abrunhosa Gonçalves. “A solução passa pelo estudo e pela prevenção. Provavelmente, os médicos de família são os primeiros a detetar o problema e têm de saber o que fazer. Temos de perceber se os casos já estavam a ser seguidos, qual foi o gatilho, se havia ou não queixa. Ainda há muitas perguntas por responder.”

Para Cristina Soeiro, “o mal é vemos o fenómeno como episódico. O homem alcoólico ou com problemas mentais que matou a mulher porque ela o traía. Não é um problema deste ou daquele indivíduo, é social e é assim que tem de ser tratado. Globalmente”, defende.

O fenómeno não é exclusivo de Portugal e há países que já conseguiram, pelo menos, minimizar o problema. “Em Espanha, apostaram na deteção precoce, na prevenção e nós temos de ir por aí”, explica Cristina Soeiro. “E nos países nórdicos trataram do problema na raiz, junto dos jovens. Todos os estudos que temos demonstram que em Portugal a violência doméstica começa logo na juventude, durante o namoro. É por aí que temos de começar.”

RUI GUSTAVO

rgustavo@expresso.imprensa.pt